

O COOPERATIVISMO E O DESENVOLVIMENTO DAS PROPRIEDADES LEITEIRAS: um estudo de caso em uma cooperativa de laticínios no município de Cachoeira Paulista-SP

*Denise Geralda Couto
Faculdade Canção Nova
Coutodenise7@gmail.com*

*Prof. Me. Bruno Nascimento Vieira da Cunha
Faculdade Canção Nova
coordadm@fcn.edu.br*

RESUMO

O cooperativismo é um movimento socioeconômico que se fundamenta na associação de pessoas com um objetivo em comum. Esse sistema de administração é baseado em 7 princípios, regras elaboradas na fundação da primeira cooperativa e são seguidos até os dias de hoje pelo movimento cooperativista. Nos dias atuais, o modelo do cooperativismo vem sendo testado diante dos desafios de proteger os cooperados diante da volatilidade dos preços, agregar valor à produção, garantir poder de comercialização e assim garantir preços justos e desenvolvimento socioeconômico para seus associados. O objetivo dessa pesquisa foi compreender a importância do cooperativismo no desenvolvimento e manutenção das propriedades leiteiras filiadas à cooperativa de laticínios no município de Cachoeira Paulista. Para a apuração de fatos e o recolhimento de dados, optou-se por um estudo de caso. Com a finalidade de responder à pergunta: como a cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista utiliza os princípios do cooperativismo para fortalecer a produção leiteira?, utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa-quantitativa exploratória. Para a coleta de dados, obtenção dos fatos, conhecimento da rotina e das soluções apresentadas pelo cooperativismo na cooperativa em estudo, realizou-se uma entrevista semiestruturada com o vice-presidente da cooperativa de laticínios. Com o propósito de analisar o cooperativismo pela perspectiva dos cooperados, foi disponibilizado a eles, também, um questionário formulado na ferramenta *Google Forms*. Os resultados obtidos com a coleta de dados apontam que a administração da cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista acredita nos princípios que regem o cooperativismo e os utilizam como norteadores para as tomadas de decisões, bem como seus associados percebem as vantagens da cooperação aplicadas em suas propriedades leiteiras e as vantagens recebidas com esse sistema de administração.

Palavras-chaves: cooperativismo, propriedades leiteiras, gestão

Abstract

Cooperativism is a socioeconomic movement that is based on the association of people with a common objective. This administration system is based on 7 principles, rules drawn up at the founding of the first cooperative and are followed to this day by the cooperative movement. Nowadays, the cooperative model has been tested in the face of the challenges of: protecting members in the face of price volatility, adding value to production guaranteeing marketing power and thus guaranteeing fair prices and socioeconomic development for its members. The objective of this research was to understand the importance of cooperativismo in the development and maintenance of dairy properties affiliated to the dairy cooperative in the municipality of Cachoeira Paulista. For fact-finding and data collection, a case study was chosen. In order to answer the question: how does the Cachoeira Paulista dairy cooperative use the principle of cooperativismo to strengthen dairy production? An exploratory qualitative-quantitative methodological approach was used. To collect data, obtain facts, understand the routine and solutions presented by cooperativism in the cooperative under study, a semi-structured and informal interview was carried out with the vice-president of the dairy cooperative. With the purpose of analyzing cooperativismo from the perspective of members, a questionnaire was made available through the Google Forms tool. The results obtained from data collection indicate that the administration of the Cachoeira Paulista dairy cooperative believes in the principles that govern cooperativism and uses them as guidelines for decision-making, as well as that its members perceive the advantages of cooperation applied to their properties dairy farms and the advantages received with this administration system.

Keywords: cooperativism, dairy farms, management

1 - INTRODUÇÃO

Na Era da Revolução Industrial, quando se deu o início do capitalismo, a busca pelo lucro, o excesso de mão de obra e a falta de leis trabalhistas criou uma classe trabalhadora de miseráveis. Os socialistas utópicos, críticos da sociedade da época, propunham uma transformação econômica para o socialismo que não eliminasse a propriedade privada dando origem a um novo modelo de administração financeira: o Cooperativismo.

Quando da sua implementação, em 1844, por ter nascido dos pensadores socialistas, o cooperativismo é comumente chamado de Doutrina e possui 7 princípios que, apesar de modernizados, fazem parte da administração das cooperativas até os dias atuais.

O corporativismo surgiu da união de pessoas que tinham os mesmos propósitos e necessidades. Trabalhando juntos visando objetivos comuns, os trabalhadores conseguem melhores oportunidades para negociar um volume maior de produtos e também, adquirir insumos mais baratos. Nesse sistema de administração, todos os

homens são iguais, nele não se é medido pelo que se tem, mas pelo que se produz, portanto, as decisões são tomadas em conjunto, cada homem, um voto. Todas as despesas e receitas são divididas igualmente para todos os cooperados.

Com a globalização, o mundo todo tornou-se um mercado, o modelo do cooperativismo vem sendo testado diante dos desafios de: proteger os cooperados diante da volatilidade dos preços, agregar valor à produção, garantir poder de comercialização e assim garantir preços justos e desenvolvimento socioeconômico para seus associados.

Por ser o Brasil, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (2023), o terceiro maior produtor mundial de leite, é compreensível que o cooperativismo tenha uma grande expansão no setor agropecuário e tenha sido por muitos anos considerada a representante do movimento no país.

Como o objetivo de compreender a importância do cooperativismo no desenvolvimento e manutenção das propriedades leiteiras, foi realizada uma pesquisa em uma cooperativa no município de Cachoeira Paulista, localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), segundo a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), é uma importante bacia leiteira do estado de São Paulo, representando 14% da produção de leite dos tipos A e B.

Com o intuito de responder a seguinte questão: como a cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista utiliza os princípios do cooperativismo para fortalecer a produção leiteira? Desse modo, para responder a pergunta, a metodologia utilizada neste projeto foi um estudo de caso na cooperativa de Cachoeira Paulista. Para a coleta de dados e obtenção dos fatos, optou-se por uma abordagem qualitativa-quantitativa exploratória.

É importante para o administrador estudar o cooperativismo, por ser ele um desafio: de um lado esse modelo de gestão democrática, exigente, que busca o desenvolvimento social e econômico dos cooperados e da comunidade em que está inserido, e por outro lado também, as cooperativas são empresas regidas pelas leis de mercado e seus produtos necessitam alcançar qualidade e diferencial competitivo e obter sucesso em suas atividades econômicas.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

A associação de pessoas para a realização de tarefas pode ser verificada em diversos níveis de coletividade e tipos de sociedade, e ocorrem o tempo todo na história

da humanidade. A cooperação começa entre os seres humanos com o objetivo de melhorar as possibilidades de defesa e alimentação, de sobrevivência em um ambiente hostil.

Dorigo e Vicentino (2013) nos contam que quando o Homem surgiu eram nômades, viviam da caça e da coleta de alimentos, viviam em famílias. Com o passar dos anos e com a evolução, desenvolveram habilidades de viver em grupos. Cerca de 18.000 anos atrás houve um grande processo de sedentarização, o homem deixa de ser nômade, começa a praticar a agricultura e a criar animais. É possível encontrarmos registros de cooperação e associação entre os humanos desde a pré-história, nas antigas civilizações e em tribos indígenas primitivas por todo o mundo.

Gayotto (1976, p.6) apresenta em seu livro algumas formas antigas de associação:

Erivan (Armênia), nas proximidades do Monte Ararat, que foi, segundo o texto bíblico o berço da humanidade, funciona ainda hoje uma forma particular de leiteria cooperativa, que data dos tempos pré-históricos. As mulheres armênicas, que se ocupam da produção dos artigos de alimentação, formam para a fabricação de queijos, uma espécie de cooperativa cuja finalidade é economizar, na medida do possível, o combustível tão raro da Armênia. Também na Idade Média, nos mosteiros cristãos, no século XIV na Rússia e entre os povos eslavos, a cooperação aparece de modo nítido, nos mir, nas zadugas ou no artel, todas as formas de cooperação em comunidades coletivas agrícolas de pescadores.

Saes e Saes (2013, p. 53) “definem o marco inicial da Idade Média no ano de 476 em que várias tribos bárbaras destituíram o imperador romano, determinando o fim do Império Romano do Ocidente”. Com a disputa pelas cidades abandonadas pelas Legiões Romanas que voltaram para a Itália, iniciou-se um período de guerras sucessivas, de invasões e de saques. Com o enfraquecimento do reino, o rei se vê obrigado a doar terras, chamadas feudos, a vassalos em troca de apoio militar ficando obrigado a prestar serviços ao seu suserano. A população se refugiou no campo, começando um processo de ruralização que caracterizou a Europa Medieval. A população que migrou para o campo em troca de proteção, arrendava terras e se tornavam servos, comprometendo-se com uma série de responsabilidades com seu senhorio, que com o tempo se transformam em imposições por força legal ou pela força. O camponês era obrigado ao pagamento de vários impostos como: a talha, banalidades, capitação e mão morta, dentre outros. Esses impostos eram pagos em produtos cultivados e animais de criação.

De modo que, o período feudal, conforme nos relata Le Goff (2007), pode ser compreendido como uma época em que não existia a utilização de moedas, o servo e sua família cultivavam todo o alimento necessário para o consumo e o pagamento dos

impostos para o senhorio, fabricavam o próprio mobiliário, assim como, teciam suas roupas. O que não conseguissem produzir era adquirido por meio de escambos com outras famílias de servos. O sistema era completo em si mesmo.

Para Huberman (2020, p. 19), o declínio do feudalismo se deu por dois motivos. O primeiro foi o crescimento do comércio que teve início com as Cruzadas. A necessidade de provisões para milhares de pessoas que se deslocavam através da Europa rumo à Terra Prometida criou a oportunidade para abertura de postos de vendas de mercadorias, que com o tempo se transformaram em cidades, para o fornecimento de suprimentos em todo o trajeto. Os cruzados que retornavam dessas expedições “traziam com eles o gosto pelas comidas e roupas requintadas que tinham visto e experimentado”, criando assim, um mercado novo para essas mercadorias. O segundo motivo do fim do feudalismo se deu também, por um acentuado crescimento da população, que necessitava de mercadorias e os feudos não conseguiam mais ser autossuficientes. É necessário que aconteça uma mudança no estilo de vida na zona rural, e essa mudança tem início com o desenvolvimento tecnológico para aumento da produção (utilização de arado de ferro e o moinho hidráulico), o comércio é intensificado, com aumento da circulação de produtos (ovos, gado, aves, grãos, etc).

Como relata Dorigo e Vicentino (2013), outra consequência do aumento demográfico, foi o excesso de mão de obra e os elevados impostos cobrados pelos senhores feudais, que obrigaram a população a procurar outra forma de subsistência. Essa população que saiu dos feudos se reunia em vilas com os comerciantes, que mais tarde se tornaram cidades e viviam de profissões artesanais, como armeiros, ourives, tecelões, etc. O artesão tinha o controle da produção, desde a matéria-prima, ferramentas e o controle da qualidade, o produto era personalizado para atender as expectativas do cliente.

Prossegue Engels (2002) que a invenção de máquinas de tecer que utilizavam o vapor como combustível deu início à chamada Revolução Industrial, no final do século XVIII e começo do século XIX, na Inglaterra. Com a chegada das máquinas industriais ocorre um aumento da produção, os artesãos são substituídos por operários assalariados que precisam trabalhar ao ritmo das máquinas, surgindo assim uma nova classe social: o proletariado.

Segundo Pena (2024) dá-se o início do capitalismo, sistema econômico caracterizado pela busca pelo lucro, acúmulo de riquezas, exploração do trabalho humano, a propriedade privada a acumulação de capital. A base de sua formação é

a divisão da sociedade em classes: de um lado está o proletariado que vive da sua força de trabalho, através do recebimento de salários e também a burguesia, de outro, os proprietários que dispõem dos meios de produção.

Com a livre concorrência, sem regulamentação de mercado e sem leis trabalhistas, a classe burguesa enriquecia devido à produção das máquinas, enquanto pagava baixos salários ao proletariado, criava uma classe de operários miseráveis.

Dorigo e Vicentino (2013) apontam que com o excesso de mão-de-obra, o preço das horas trabalhadas era cada vez mais baixo, contribuindo para o resultado favorável da economia. Os empresários ficavam cada vez mais ricos e os operários precisam lidar com a fome e a dificuldade para comprar o mínimo necessário para a sobrevivência. A sociedade encontrava-se à beira de uma revolução social.

Bialoskorski Neto (2012, p. 5) relata que diante desse contexto de exploração no qual mulheres grávidas e crianças trabalhavam em média 17 horas por dia e mesmo assim passavam fome e viviam na miséria, diante desta crise social desencadeada pela Revolução Industrial, alguns pensadores econômicos organizaram movimentos que começaram a discutir a cooperação e o próprio cooperativismo, trazendo novas ideias, como: “a cada um de acordo com seu trabalho” e “a cada um, segundo a sua capacidade; a cada um, segundo a sua necessidade”.

Fajardo e Rocha (2021) nos contam que esses pensadores econômicos terminaram dividindo-se em duas correntes: a primeira, defende o conceito de sociedade idealizado pelos pensadores socialistas liderados por Marx e Engels que se autodenominaram “socialistas científicos”. Esses “não concebiam a ideia de uma revolução pacífica, pois as bases econômicas e a luta de classes são o motor da História”. A segunda corrente de pensamento, denominada de “socialistas utópicos” pelos socialistas científicos, como um termo pejorativo, pois pregavam uma transformação na sociedade de modo pacífico, sem guerras e revoluções, buscavam mais entendimento do que luta entre as classes sociais.

Buber (1971, p.19) diz que:

Essa sociedade, porém, com suas contradições, apresenta-se agora ao homem como questão inelutável; todo pensamento e todos os planos sobre o futuro são forçados a buscar-lhe uma solução também na utopia, o planejamento político e cultural cede o passo diante da tarefa de se traçar uma ordem “correta” para a sociedade.

É possível traçar um paralelo entre o modelo de sociedade pensado pelo socialismo utópico baseado em democracia, solidariedade, igualdade e justiça social

e o pensamento cooperativista nascido destes ideais, mas segundo Jadir Giroto (Revista Easycoop, 2011), “Existe um rio entre o capitalismo e o socialismo[...] não se misturam os conceitos. E o cooperativismo é a ponte que une perfeitamente ambos”.

Para Pinho (2001) os precursores do pensamento em ideais cooperativistas, apresentados como socialistas utópicos por sua preocupação com as desigualdades sociais que o capitalismo ocasionou, estão relacionados na Quadro 1 abaixo.

Quadro1: Os pensadores socialistas utópicos e suas contribuições.

PRECURSORES	CONTRIBUIÇÃO AO MOVIMENTO COOPERATIVISTA
Charles Fourier (1772 – 1837)	filósofo e socialista utópico francês e reformador social, ficou conhecido por sua ideia de construir Falanstérios – grandes edifícios onde pessoas residiriam em harmonia, desenvolvendo trabalhos conforme sua vocação e interesses – baseados em cooperativismo integral e autossuficiente, assim como também criar uma cooperativa agrícola com recursos do governo. Para Fourier o Homem é bom, a sociedade que impede o seu pleno desenvolvimento.
Philippe Joseph Benjamins Buchez (1796 – 1865)	político, sociólogo e historiador francês, um dos idealizadores do socialismo cristão. Em 1831, em seu artigo "Meio de Melhorar a Condição dos Assalariados e das Cidades", propôs a criação de uma associação em que: 1) os associados seriam empresários; 2) cada associado seria pago conforme os padrões adotados para cada profissão; 3) uma parte do lucro seria reservada para aumentar o capital social e como um amparo para os associados; 4) o capital social seria inalienável e pertenceria à associação. Sob a influência das ideias “buchezianas” surge a “Société des Bijoutiers em Doré” e várias outras associações.
Louis Blanc (1812-1882)	historiador, jornalista, orador e político francês. Era adepto da criação de associações em cada trabalhador seria coproprietário dos instrumentos de produção. Organizada com incentivo do Estado, que também estabeleceria os estatutos, seria como uma oficina social ou atelier social estatal. O controle do Estado seria somente no primeiro ano, depois os cargos seriam preenchidos por eleição entre os membros. Foi o único teórico que defendeu o apoio do Estado ao cooperativismo.
Robert Owen (1771 – 1858)	socialista utópico, defendia que o Homem era fruto do meio social em que vivia, era necessário que a educação estivesse em primeiro lugar, e que no mundo ideal haveria igualdade nas relações sociais. Filho de pais

	artesãos, Owen, depois de trabalhar em vários níveis de produção em uma indústria escocesa de fiação, ascendeu ao cargo de diretor e aos 30 anos torna-se sócio (1800) e gerente de uma fábrica em New Lanark.
--	--

Fonte: Pinho (2001)

Um dos precursores do pensamento cooperativista, Bialoskorski Neto (2012, p. 6) descreve Owen como um rico industrial que, sensibilizado pela pobreza dos seus operários e preocupado com as péssimas condições em que viviam em sua indústria, resolveu tomar algumas medidas avançadas para a época, porém, de acordo com seus ideais socialistas: não só reduziu a jornada de trabalho de 17 horas diárias para 10 horas, bem como proibiu o trabalho de menores de 10 anos. Também construiu casa para os operários da fábrica, refeitórios e o primeiro jardim de infância. Fundou um armazém onde os funcionários da fábrica podiam comprar mercadorias de qualidade por preços baixos, apenas um pouco acima do preço de custo. E limitou a venda de álcool, diminuindo o vício e o crime. Essas normas são utilizadas até hoje pelas lojas de cooperativas na Inglaterra.

Por colocar em prática seus ideais cooperativistas, Basso e Rosa (2019) consideram Robert Owen como o “pai da cooperação”. Ele colocou em prática nas suas indústrias, seu ideal de uma sociedade mais justa, que valorizasse o homem e garantisse seus direitos. Suas práticas ajudaram a formular os princípios do cooperativismo e fazem parte dos ideais cooperativistas até os dias atuais.

Gomes (2005, p. 15) reafirma:

O inglês Robert Owen, considerado o “pai da cooperação, por suas ideias de grande reformador social e pela preocupação com o bem-estar econômico e social dos trabalhadores, em 1820, já defendia a criação de cooperativas como alicerce para a instituição de uma nova ordem social.

De acordo com Singer (2002) todas essas experiências de cooperativas, testadas pelos precursores do cooperativismo, apesar de não serem bem sucedidas, além da derrota de uma greve de tecelões, impulsionaram e prepararam as condições políticas, sociais e econômicas necessárias para a fundação em 1844 da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (Rochdale Society of Equitable Pioneers), em Manchester na Inglaterra.

Conforme Bialoskorski Neto (2012, p. 7):

A uma sofrida greve por melhores salários, que acabou não vitoriosa, um grupo de pobres operários tecelões ingleses tentava desesperadamente fugir do estado de miséria ao qual estava subjugado. Em novembro de

1843, o grupo começou a discutir as fórmulas possíveis para combater aquele estado de desesperança. Apesar de não terem conseguido o aumento salarial solicitado e mesmo sem saber o que fariam os operários passaram uma lista de adesões e começaram a recolher dinheiro e a formar um caixa com seus próprios e escassos recursos.

Essa primeira associação que contava operários do setor têxtil (27 homens e 1 mulher), buscando maneiras de melhorar suas condições socioeconômicas, fundaram com um capital de 28 libras, um armazém para conseguir comprar o essencial para sobreviver. Esse pequeno negócio ficou registrado na história como a primeira cooperativa.

Prossegue Pinho (2001, p. 19) que além de administrar um armazém para adquirem mercadorias a preço baixo, a sociedade tinha os seguintes objetivos:

A reforma do meio econômico-social, na realidade o grande objetivo dos Pioneiros de Rochdale, pode ser assim resumida: 1 - formação de um capital para a emancipação do proletariado, mediante poupanças realizadas com a compra em comum de gêneros alimentícios; 2 - construção de casas para oferecer alojamento a preço de custo; 3 - criação de estabelecimentos industriais e agrícolas com duplo objetivo: produzir diretamente e de modo econômico, tudo o que fosse indispensável às necessidades da classe operária, e assegurar trabalho aos operários desempregados ou que percebessem baixos salários; 4 - educação e luta contra o alcoolismo; 5 - cooperação integral, isto é, criação paulatina de pequenos núcleos, nos quais a produção e a repartição seriam reorganizadas, e multiplicação desses núcleos através da propaganda e do exemplo.

Assim como a sociedade tinha como objetivo encontrar soluções para as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos associados, que foram criadas pelo capitalismo, também objetivavam desenvolver a ideia de uma nova sociedade.

Por isso, Barbosa (2012, p. 172) considera a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale como a primeira e mais importante entre as associações cooperativas, pois “estabeleceu um programa completo contendo princípios teóricos e regras práticas de organização e de funcionamento das Cooperativas de Consumo, servindo de base para formar a estrutura cooperativa que conhecemos atualmente”. Para o estabelecimento da sociedade foram acordadas regras relacionadas a seus membros e ao funcionamento da associação, tais como: “sistema completo de economia democrática, associação de pessoas, não limitação do número de sócios, seleção dos membros, neutralidade política e religiosa e obras sociais”. A esse conjunto de regras deu-se o nome de princípios, que com o tempo foram modernizados e fazem parte da Doutrina Cooperativista até os dias de hoje.

Porém, apenas em 1895, com a fundação Aliança Cooperativa Internacional (ACI), “organismo mundial que tem como função básica preservar e defender os

princípios cooperativista, uma das primeiras organizações de representação a participar do Sistema ONU”, que esses princípios foram regularizados e metodicamente difundidos como primícias do movimento cooperativista. Para a ACI (2024), esses sete princípios fundamentais, são: 1- adesão livre e voluntária, 2- participação econômica dos membros, 3- educação formação e informação, 4- gestão democrática, 5- autonomia e independência, 6- intercooperação, 7- interesse pela comunidade.

Esses princípios que basicamente estruturam a formação da cooperativa, foram baseados em valores pelos quais as cooperativas buscam além do desenvolvimento econômico do indivíduo, a valorização do ser humano como um todo. Ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, solidariedade e equidade são alguns dos valores que guiam o movimento cooperativista.

Para a aceitação de novos cooperados, Gawlak (2007, p.22) entende que as cooperativas se utilizam do princípio da adesão livre e voluntária. Esse princípio é estabelecido pelas cooperativas em seus estatutos de diversas maneiras, porém, “em regra geral, todas as pessoas têm liberdade de associar-se a uma cooperativa. Ser associado é uma decisão individual e independe da etnia, posição social, cor, política partidária e credo”. Todas os indivíduos capazes de contribuir com seu trabalho para o bem comum e reconhecer a sua parcela de responsabilidade para a manutenção da associação, que se candidatam voluntariamente serão aceitos na organização.

Ainda hoje, Barbosa (2012, p.28) observa que o princípio da gestão democrática, de “um homem, um voto”, é uma regra estabelecida para garantir que diferenças de capital ou nível socioeconômico entre os membros não garantam vantagens ou benefícios nas decisões aprovadas em assembleias.

Em uma cooperativa, o fundamental é que todos os envolvidos dividam as responsabilidades, participem das decisões, dos ganhos e prejuízos. Um empreendimento solidário, como a cooperativa, tem como fundo o associativismo, pois todos têm voz de decisão na gestão em nível de igualdade. Por esse sistema ser democrático não há possibilidade de descartar trabalhadores como acontece em uma empresa capitalista, pois todos são donos e todos decidem.

O intercooperativismo faz parte dos princípios do cooperativismo, é um dos menos divulgados, mas constitui, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) (2024), uma premissa básica. “Envolve a parceria entre cooperativas locais, regionais, nacionais e mesmo internacionais, que podem ser

ou não do mesmo ramo. Dessa forma, elas substituem o que poderia ser a concorrência pela cooperação”.

Como as organizações não conseguem desenvolver todas as atividades necessárias para o seu funcionamento, elas adotam essa estratégia de buscar parcerias entre cooperativas, não só as que exploram outros segmentos de mercado, mas também cooperativas concorrentes no mesmo segmento. Essa atitude além de fortalecer o movimento cooperativista, também contribui para troca de conhecimento e desenvolvimento de novas tecnologias.

Outro princípio cooperativista é o da educação, formação e informação, que conforme Gomes (2005, p. 16):

[...] é possível perceber que o elemento educação já estava presente no ideário desses precursores, à medida que, no processo de constituição da Cooperativa de Rochdale estava bem patente o embasamento teórico proporcionado pelas ideias de Owen, Fourier, Simon e Blanco. Não era somente o aspecto puro e simples de encontrar saída econômica para os problemas econômico-sociais proporcionados pelo capitalismo, mas também a preocupação de formar uma consciência coletiva e cooperativa para a divulgação, organização e desenvolvimento de uma experiência político-social.

Podemos perceber a importância que esse princípio representa para o movimento cooperativista, mesmo nos dias de hoje, tendo em vista que a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) criou uma instituição chamada Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) com a finalidade específica de “oferecer capacitação profissional, consultoria, assessoria, e atividades culturais e sociais para as cooperativas”.

Promovendo a capacitação, a educação e o treinamento de seus associados, a cooperativa certifica-se que seus membros obtenham o melhor resultado nas tomadas de decisões nas assembleias, melhor resultado econômico na gerência dessas organizações e também como divulgador das ideias cooperativistas.

Como bem explana Bialoskorski Neto (2012, p. 149), para que o princípio da autonomia e independência seja eficaz no sucesso econômico da cooperativa, “a participação efetiva do seu membro nas estruturas de governança passa a ser uma variável essencial para garantir a transparência e o sucesso”. A participação dos cooperados nas assembleias para a tomada de decisão, além de garantirem o controle democrático dos associados também mantém a autonomia da cooperativa.

Porém, Oliveira (2007, p. 49) acrescenta que:

Compreende-se que a participação do quadro social, de uma organização cooperativa, é algo complexo, que exige preparação dos dirigentes, funcionários e técnicos contratados e, principalmente, do próprio quadro social, o qual necessita ser conscientizado e estimulado a participar da vida da organização, não como uma obrigação, mas como um direito que tem de escolher o futuro de sua empresa.

Para o início de funcionamento de uma cooperativa, é necessário a integralização do capital social. Esse capital social é dividido igualmente, por todos os membros, em partes chamadas cotas. Os cooperados em assembleia decidem qual a melhor destinação para os recursos, que do ponto de vista de Gawlak (2007, p.24) podem se destinar para: “desenvolvimento das cooperativas, criar reservas, retorno de benefício aos membros ou ainda, apoio a outras atividades aprovadas pelos membros”.

O sétimo princípio é o do interesse pela comunidade, foi o último princípio a ser incorporado pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), em 1995, durante seu congresso centenário. O primeiro objetivo das cooperativas é o bem estar de seus associados, portanto, é natural que a organização forme vínculos com a comunidade em que seus cooperados estejam inseridos e reforcem as ações de responsabilidade social.

Para Búrigo, Rover e Ferreira (2021, p. 59), “o sétimo princípio visa a valorização tanto do local onde a cooperativa está inserida, quanto às comunidades do entorno”, portanto, o interesse pela comunidade divide-se em duas abordagens: o cunho social, condutas “baseadas em alianças e cooperação com entidades e movimentos da coletividade”, e a responsabilidade social, atuação para que a “cooperativa estabeleça parcerias e integre redes para conceber e executar projetos estratégicos de desenvolvimento nos locais onde atua”.

O cooperativismo é citado pelas organizações de classe de diferentes formas. Algumas vezes como movimento cooperativista, como sistema cooperativista e muitas vezes como uma doutrina. Barbosa (2012) esclarece que cada uma dessas palavras traz uma carga teórica:

Ao mencionar a doutrina, nos remete a um cooperativismo que tem lógica e racionalidade antagônica à economia hegemônica, a qual é caracterizada pela lógica capitalista de produção e circulação de bens e serviços. Quando nos referimos a sistema, podemos imaginar uma economia formada por cooperativas que atuam desde os setores produtivos e financeiros até os serviços públicos estatais. Ao longo da história esta configuração ganhou ênfase em novas discussões sobre socialismo, economia solidária, entre outros. Já o termo movimento nos remete a questões sociais e a movimentos sociais.

Assim como nas organizações cooperativistas, na literatura também, são encontradas várias maneiras de definir cooperativismo, dependendo da orientação e do viés doutrinário em que o conceito foi elaborado.

Farias e Gil (2013, p.18) descrevem a doutrina cooperativista, como:

resultado de um processo através do qual se procurava atenuar ou suprimir os desequilíbrios econômicos e sociais oriundos da Revolução Industrial. Dessa forma, a doutrina cooperativista tem por objetivo a correção do social pelo econômico, utilizando para isso sociedades de caráter democrático e solidário: as cooperativas.

Basso e Rosa (2019, p. 218) entendem que “o cooperativismo é o movimento que ressalta a economia solidária mediante o esforço do trabalho produzido coletivamente”. Portanto, é a maneira que a economia solidária encontrou de se organizar, na qual os pequenos produtores encontram melhores condições de inclusão econômica e social.

Pinho (2001, p. 16) determina a formação da Doutrina Cooperativista, que

pode ser assim resumida: é uma proposta de mudança do meio econômico-social, que se concretizará de modo pacífico e gradativo, por meio de cooperativas de múltiplos tipos. Ou, tentando resumir em uma frase, é a reforma do meio social por um instrumento econômico: a cooperativa.

No parecer do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) (2024), cooperativas são “organizações autônomas e de autoajuda” de pessoas que se unem para desenvolver um empreendimento com o objetivo de satisfação suas necessidades socioeconômicas, portanto é:

uma sociedade de natureza civil, formada por no mínimo 20 pessoas, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns. Os próprios associados, seus líderes e representantes têm total responsabilidade pela gestão e fiscalização da cooperativa.

De acordo com a entidade de representação do movimento cooperativista brasileiro, Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2023) fundada em 02 de setembro de 1969, cooperativismo é um modelo de negócio que busca na união de todos os associados um bem comum e cooperativas são empresas administradas conforme esse modelo de negócio e são criadas para atender as necessidades econômicas e sociais dos cooperados, portanto, podem ser criadas quantos modelos sejam necessários. Há basicamente quatro tipos de cooperativas, que apesar de constituídas para diferentes finalidades, são regidas pelos mesmos princípios cooperativistas elaborados pelos probos de Rochdale em 1844: Cooperativas de consumo – vendem produtos de qualidade com menor preço, pois não visam lucro e sim atender o cooperado; Cooperativas de comercialização – vendem a produção dos

associados e compram equipamentos e insumos; Cooperativas agrícolas - normalmente processam a produção agropecuária agregando valor aos produtos; Cooperativas de produção – associações de prestadores de serviço.

Como cita Marra (2009), mesmo anteriormente à formalização do movimento cooperativista no Brasil, é possível encontrar no país exemplos de associativismo firmados nos conceitos de ajuda mútua, solidariedade e bem comum, sem a base filosófica e sem também o conceito de cooperativismo, nem os princípios usadas como base para uma organização com o objetivo de mudança social e econômica. Apenas uma forma de colaboração para a sobrevivência. É possível citar os exemplos de pré-cooperativas: os movimentos messiânicos sebastianistas, de origem portuguesa (1530-1540), a República de Palmares (1600-1695), a Colônia Tereza Cristina (1847), Canudos (1874-1876), entre outras.

Conforme SEBRAE (2024), o cooperativismo chega ao Brasil com o movimento migratório ocorrido no final do Século XIX. Os ideais cooperativistas surgidos na Europa foram trazidos ao Brasil pelo padre suíço Theodor Amstad. A história formal do movimento cooperativista efetivamente começou no Brasil com a fundação da Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, em 1889, no estado Minas Gerais, com o objetivo de comercializar produtos agrícolas. Depois, em 1902, no Rio Grande do Sul surge a primeira cooperativa de crédito e em 1906 as primeiras cooperativas agropecuárias.

No Brasil, o cooperativismo é regido pela Lei 5764 de 16 de dezembro de 1971 que nomeou a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) como representante do sistema cooperativista brasileiro e órgão técnico-consultivo do governo (Lei 5764, art.105). Depois preponderada pela Constituição de 1988, garantindo ao movimento liberdade de organização da sociedade e a mínima tutela estatal sobre ela.

Pinho (2004, p. 4) ainda ressalta que:

O Novo Código Civil Brasileiro (CCB) dedica às cooperativas, no Capítulo VII (Da Sociedade Cooperativa), quatro artigos (1093 a 1096) e as menciona expressamente nos arts. 982,983 e 1159. No art. 1094 o CCB enumera as características da sociedade cooperativa em oito incisos; no art. 1095 trata da responsabilidade limitada e ilimitada dos sócios e, no art. 1096, estabelece a aplicação das disposições referentes às sociedades simples, em caso de omissão, porém resguardadas as características das cooperativas enumeradas no art. 1094.

Com a possibilidade de criação de cooperativas com várias finalidades de operação, o movimento cooperativista brasileiro fortaleceu-se e renovou-se, tanto no aspecto legal, como estrutural e institucional, se expandindo por todo o país.

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de leite, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (2023), com mais de 34 bilhões de litros por ano (2,214 litros por vaca ao ano, média baixa considerada muito baixa), com produção em 98% dos municípios brasileiros, tendo a predominância de pequenas e médias propriedades, empregando perto de 4 milhões de pessoas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para auxiliar os órgãos públicos no entendimento das necessidades dos produtores a partir do tamanho da propriedade leiteira, o Censo Agropecuário (2017) classifica as propriedades leiteiras por sua capacidade de produção em 6 estratos. São eles:

1. Produção menor que 10 litros/dia
2. De 10 a 20 litros/dia
3. De 21 a 50 litros/dia
4. De 51 a 200 litros/dia
5. De 201 a 500 litros/dia
6. Produção maior que 501 litros/dia.

Anuário do Cooperativismo (2023) relata que no Brasil, o maior número de cooperativas está concentrado no setor agropecuário, que conta com 1.185 cooperativas e 1.011.023 cooperados e geram 249.584 empregos. Podemos perceber a grande importância econômica e social que as cooperativas de laticínios e os produtores de leite representam para o país, por consequência, foi considerada por muitos anos as representantes do cooperativismo no Brasil.

Segundo Cunha (2015, p. 25):

A bovinocultura leiteira é uma atividade de ampla seriedade, sendo predominantemente ampliada em pequenas propriedades rurais e envolve um contingente expressivo de produtores, o principal argumento em defesa do estímulo à produção de leite como promoção do desenvolvimento no Brasil se baseia no fato dela se estabelecer como uma atividade indispensável para a edificação de uma sociedade economicamente mais produtiva, socialmente mais equitativa e territorialmente mais compensada.

O Congresso Nacional tendo ciência dessa importância da bovinocultura de leite para o Brasil, institui a Política Nacional de Apoio e Incentivo à Pecuária Leiteira (PNAPL); e altera as Leis nºs 12.669, de 19 de junho de 2012, e 13.860, de 18 de julho de 2019: “com o objetivo de aumentar a produtividade, ampliar os mercados interno e externo, bem como elevar o padrão de qualidade do leite brasileiro, por meio do estímulo à produção, ao transporte, à industrialização e à comercialização do produto”.

Apesar disso, Simões et al. (2024) relata que a produção leiteira no Brasil foi primitiva e modesta até que o governo brasileiro edita a Lei nº 1283, de 18 de dezembro de 1950, que dispõe sobre a inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal criando o Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de produtos de Origem Animal (Riispoa), e decretando a exigência obrigatória da pasteurização do leite e a inspeção e o carimbo do Serviço de Inspeção Federal (SIF).

Outra tecnologia importante para a indústria leiteira foi o desenvolvimento das embalagens descartáveis, a partir da década de 1970. Com o fim das embalagens retornáveis, que em sua maioria eram de vidro e exigiam um grande investimento de tempo e dinheiro, as organizações conseguiram direcionar esses esforços para o desenvolvimento de diversos produtos lácteos. As cooperativas se tornam então grandes organizações, com um grande portfólio de produtos e abrangendo uma área maior de atuação.

Os produtores, então, se reúnem em associações chamadas de cooperativas visando satisfazer necessidades e alcançar objetivos comuns. Através da cooperativa, os cooperados recebem benefícios, como: negociar volumes maiores de produtos e aumentar a capacidade de negociação, conseguindo melhores preços tanto na aquisição de insumos e equipamentos, quanto na venda da produção. Acessar tecnologias, informação, orientações técnicas que se tornam acessíveis, com o custo dividido entre todos os cooperados. Além de promover crescimento para os filiados, podemos observar a importância do cooperativismo como agente promotor de desenvolvimento social e econômico para a comunidade em que está inserido.

David (2009) ressalta ainda, que o cooperativismo traz aos produtores rurais muitas vantagens, como, por meio de uma assistência técnica, em parceria com a cooperativa, elaborar planos de longo prazo para que o sistema de produção seja mais eficiente, mais estruturado, criando planos de custeios personalizados. Através da cooperativa, os associados têm acesso também a modernas tecnologias através de financiamentos bancários para aquisição de equipamentos, modernizando o manejo da propriedade e, conseqüentemente, diminuindo os custos de produção, tornando a propriedade mais rentável e fixando o homem no campo.

A cooperativa de laticínios, objeto do estudo de caso deste projeto, está situada na região do Vale do Paraíba, que segundo a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São

Paulo, estava classificada, em 2023, como a maior produtora leiteira do estado de São Paulo representando 14% da produção de leite dos tipos A e B.

Com o declínio da cultura cafeeira ocorrido com o fim da escravidão, como apontado por Toledo (2001), a pecuária leiteira chega ao Vale do Paraíba, região onde se localiza o município de Cachoeira Paulista. Trazida pelos imigrantes mineiros que vieram atrás de mais desenvolvimento e industrialização, a bovinocultura leiteira chegou ao estado de São Paulo na metade do século 20 e se instalou nas antigas fazendas de café.

Por ser uma grande bacia leiteira existem no Vale do Paraíba diversas cooperativas de laticínios, dentre todas pode-se citar: Serramar, COMEVAP e Cooper.

A Cooperativa de Laticínios Serramar fundada em 1944, com sua matriz administrativa localizada às margens da Rodovia Presidente Dutra em Guaratinguetá, possui 164 usuários associados e quase 1000 cooperados ativos, processando uma média anual de 80 milhões de litros de leite. Conta ainda com sete unidades comerciais de vendas de produtos agrícolas, nutrição animal, linha pet e muito mais.

A Cooperativa de Laticínios do Médio Vale do Paraíba (COMEVAP) nasceu em 1974 com a fusão da Cooperativa de Laticínios de Roseira, Cooperativa de Laticínios de Pindamonhangaba, fundadas em 1933 e a Cooperativa de Laticínios de Taubaté, fundada em 1935. Atualmente com 137 usuários associados, sua sede em Taubaté recebe 160.000 litros de leite por dia, dos quais 80% são processados e distribuídos e 20% são comercializados a granel. Na usina são pasteurizados 20.000 litros de leite/hora, além de fabricação de manteiga, bebidas lácteas, creme de leite e queijos.

A Cooperativa de Laticínios de São José dos Campos (Cooper) fundada em 1935, dispõe de 90 usuários associados está presente em 31 municípios e lidera o mercado de leite pasteurizado nessas regiões em que atua.

No Vale do Paraíba há também, a cooperativa de laticínios localizada no município de Cachoeira Paulista, objeto desse estudo de caso. Fundada em 01 de outubro de 1944, atualmente conta com 20 usuários associados e 134 cooperados com média de produção diária de 130 litros. A cooperativa de laticínios, nos dias de hoje, é responsável pelo recolhimento de 17.549 litros de leite diariamente, porém, não processa o leite recolhido, que nem passa pela cooperativa, é diretamente levado para a cooperativa do município de Guaratinguetá, onde será armazenado em silos, até ser vendido para o destino final. Funcionando como uma unidade administrativa, é responsável pela emissão dos documentos e notas fiscais; firmar parcerias e

convênios que contribuam para o desenvolvimento de novas rotinas de manejos e implementação de novas tecnologias; recolher e vender o leite, e também, negociar compras de insumos e artigos necessários para o funcionamento das propriedades leiteiras.

Ainda assim, mesmo com incentivos de leis, para continuar sendo de grande importância para o agronegócio brasileiro, em um mercado globalizado que procura sempre qualidade e preço, é necessário na opinião de Toledo (2018) “O controle do custo de produção do leite, apesar de não ser uma tarefa fácil, é fundamental para garantir a sustentabilidade na fazenda”.

Forgiarini (2018, p. 25), relata que a vertente doutrinária do cooperativismo que tem como objetivo a transformação do sistema econômico social em uma sociedade baseada em princípios humanistas vem perdendo força diante da necessidade dos dias atuais, da globalização, do mercado e da governança corporativa. Por outro lado, vem ganhando força a Teoria Econômica da Cooperação que:

vê a cooperação como resultado econômico de utilidade e lucro é de que o produtor [...] toma decisões e atitudes [...] e optaria por alternativas que possibilitassem um aumento de sua satisfação diretamente, mediante o aumento a sua renda, indiretamente mediante a diminuição de riscos e/ou custos.

Martins et al. (2004), também afirma que apesar dos benefícios oferecidos pela cooperativa de laticínios, a fidelização do associado depende da capacidade da governança da instituição conseguir oferecer aos cooperados um preço igual ou superior ao de cooperativas concorrentes. Algumas cooperativas, inclusive, oferecem participação nos lucros aos cooperados, distribuindo bonificações acrescentadas ao preço do leite normalmente pago. Assim, participando dos resultados da associação o cooperado, além de fidelizado, se sente estimulado a produzir mais para receber um valor maior.

O Anuário do Cooperativismo (2023) ainda acrescenta que, “enquanto 2535 cooperativas no Brasil têm mais de 20 anos de atuação no mercado, 70% das empresas fecham as portas com menos de 10 anos de atividade”. As cooperativas normalmente são formadas em “momentos de adversidade e escassez de recursos” com objetivo de melhorar as condições socioeconômicas de seus cooperados.

Rossi (2011) diz ainda que, como resultados de suas pesquisas, pode-se afirmar a relevância do movimento cooperativista no Brasil. As cooperativas representam uma possibilidade possível para o desenvolvimento socioeconômico das classes sociais mais desvalorizadas da sociedade. Além disso, suas iniciativas

contribuem para a diminuição das taxas de desemprego, para a manutenção e desenvolvimento das propriedades leiteiras e também com a fixação do homem no campo.

3 – METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste projeto foi um estudo de caso com o objetivo de compreender a importância do cooperativismo para a manutenção e desenvolvimento de propriedades leiteiras, realizado em uma cooperativa de laticínios no município de Cachoeira Paulista-SP.

De acordo com Yin (2001, p.21):

Como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. Não surpreendentemente, o estudo de caso vem sendo uma estratégia comum de pesquisa na psicologia, na sociologia, na ciência política, na administração, no trabalho social e no planejamento.

Gil (2002) afirma que para um estudo de caso permitir ao entrevistador conhecer amplamente seu objeto de pesquisa, é necessário determinar um conjunto de etapas a serem seguidas: a) formulação do problema; b) definição da unidade-caso; c) determinação do número de casos; d) elaboração do protocolo; e) coleta de dados; f) avaliação e análise dos dados; e g) preparação do relatório.

Gil (2002, p.132) ainda destaca que:

A clareza acerca das limitações e do cuidado em não manipular as variáveis para validar o problema, bem como a responsabilidade em aplicar os questionários, é fundamental para a idoneidade da análise dos resultados alcançados.

Yin (2001) salienta que para o estudo de caso ser validado, é necessário seguir algumas etapas, como: definição do problema ou tema, desenvolvimento do projeto, coleta de dados (que inclui treinamento do entrevistador), analisar as evidências e compor o relatório. Usando o método descritivo será possível responder às questões de “como” e “porque”.

Desta maneira, o estudo de caso, por permitir que se faça uma descrição e uma análise do objeto em estudo, é uma estratégia importante para comprovar empiricamente a afirmação de que o cooperativismo, sistema utilizado pela cooperativa de laticínio estudada, alcança os objetivos propostos: de promover o desenvolvimento das propriedades leiteiras.

O estudo de caso é a coleta de dados no ambiente estudado, um estudo de como os eventos realmente acontecem no dia a dia, como a teoria é aplicada na prática. Por ser a fase de coleta de dados muito importante, é necessário que se estabeleçam métodos para que o resultado alcançado seja o mais verídico possível.

Pereira et al. (2018, p. 67), nos diz que o:

Método é o caminho para se realizar alguma coisa [...]. Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas.

Para a coleta de dados, obtenção dos fatos, conhecimento da rotina e das soluções apresentadas pelo cooperativismo na cooperativa em estudo, foi realizada uma entrevista semiestruturada e informal com o vice-presidente e engenheiro agrônomo da cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista. A entrevista foi realizada pessoalmente no dia 19/09/2024 com início às 11:30 horas, nas dependências da cooperativa e contou com 12 perguntas abertas. Foi gravada e posteriormente transcrita.

De maneira que Yin (2001, p.114) nos diz que:

No geral, as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de casos [...]. As fitas certamente fornecem uma expressão mais acurada de qualquer entrevista do que qualquer outro método.

Com a finalidade de conhecer os fatos também pela visão dos cooperados, outro método de pesquisa utilizado foi o quantitativo, que segundo Apollinário (2004) é um questionário composto de perguntas fechadas, contendo escalas de avaliação que podem ser analisadas estatisticamente, enviado ao entrevistado para ser respondido sem a presença do pesquisador. Assim, foi disponibilizado a todos os filiados da cooperativa, através do *Wattsapp*, um questionário elaborado utilizando a ferramenta do *Google Forms*, com 13 perguntas fechadas e 03 perguntas abertas, recebendo respostas do dia 16/10/2024 ao dia 31/10/2024.

Através dos métodos de pesquisa utilizados, considerou-se uma abordagem metodológica para esse projeto como qualitativa-quantitativa exploratória.

4 – ANÁLISE DE DADOS

4.1 – Análise da entrevista com o vice-presidente da cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista:

O cooperativismo é uma forma de gestão pensada por socialistas utópicos no final do século XIX, que conta com sete princípios, que foram modernizados, porém são seguidos até os dias de hoje. Para melhor entender como esse modelo socioeconômico de administração é aplicado na cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista, foi realizada uma entrevista semiestruturada e informal com o vice-presidente (VP) e engenheiro agrônomo dessa organização. A entrevista foi realizada pessoalmente no dia 19/09/2024 com início às 11:30 horas, nas dependências da cooperativa e contou com 12 perguntas abertas.

Entrevista com o vice-presidente da cooperativa de laticínios:

Pergunta 1: O primeiro princípio é o da adesão voluntária. Como a cooperativa de laticínios realiza este princípio?

[...] Isso acontece sim. [...] a cooperativa de laticínios de Cachoeira e Paulista foi fundada dia 1º de outubro de 1944, daqui uns dias faz 80 anos. E desde aquela época até hoje é voluntária. O produtor rural vem aqui se quiser e ele faz adesão voluntariamente. E daí depois começa a ter consequências. Ele adere, daí ele tem que entender que existe um estatuto aqui e funciona igual pra todo mundo, esse é o princípio. É igualitário, todo mundo tem direito a um voto, independente se você é grande produtor de leite ou pequeno produtor de leite, você tem direito a um voto. Você é um produtor. Esse é o princípio do cooperativismo. [...] Tem uma ficha de adesão, daí ele traz os documentos que ligam ele à terra, documentos pessoais e assina uma ficha.

Por meio das palavras do vice-presidente, podemos observar que na cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista a livre adesão ao sistema cooperativista é respeitada. Como entendido por Gawlak (2007) a adesão é livre e voluntária, e são admitidos indivíduos capazes de contribuir com seu trabalho para o bem comum e reconhecer a sua parcela de responsabilidade para a sua manutenção. Além disso, a cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista respeita os valores da equidade e igualdade.

Pergunta 2: O segundo princípio é o da gestão democrática. Como as cooperativas são organizações democráticas, com seus membros participando ativamente da sua administração, como a diretoria faz valer este princípio?

Então, toda cooperativa tem um estatuto, e daí você tem que seguir o estatuto. [...] A nossa cooperativa é uma cooperativa de leite, então o produtor tem que estar produzindo leite. E para ele fazer parte da cooperativa, ele vai, ele tem

que seguir o estatuto. Daí, por exemplo, para ele votar e ser votado, ele tem que estar mandando leite nos últimos 12 meses. Então, ele tem que estar há um ano produzindo leite, daí ele consegue votar e ser votado. Votar no quê? Em todas as decisões que preciso do voto do cooperado. Normalmente é numa assembleia geral ordinária. E acontece no mínimo uma vez por ano. Todo ano tem que fazer. Normalmente, na cooperativa aqui, funciona no mês de março. Então, de 1 de janeiro a 31 de janeiro a cooperativa funciona, depois no mês de março, três meses depois, a gente apresenta nessa Assembleia Geral Ordinária a contabilidade, o que aconteceu economicamente na cooperativa e outros assuntos que dependem de Assembleia Geral Ordinária.

A rotina da cooperativa em estudo está bem estruturada e consegue garantir que as diferenças de poder aquisitivo não interfiram nas decisões tomadas pelas assembleias, conforme Barbosa (2012, p.28) observa, “um homem, um voto”, é uma regra estabelecida, todos são donos e todos decidem.

Pergunta 3: O terceiro princípio é o da participação econômica. Os membros contribuem para a formação do capital da cooperativa. Como a cooperativa remunera seus membros sobre o capital integralizado?

Então, de acordo com o estatuto, para ele aderir à cooperativa ele precisa fazer uma participação financeira. Hoje aqui é por volta de 300 reais. Daí ele faz uma capitalização de 300 reais, ele tira do bolso e põe 300 reais ou a cooperativa pode descontar dele 100 reais por mês até dar os 300 ou 30 reais por mês até dar os 300 ou a cooperativa também tem época que não cobra nada, mas como é estatutário os 300 ele fica tendo os 300 o dia que ele sair ele tem os 300 mais aquilo que foi capitalizado naquele período que ele teve sócio, ele fez parte dessa cooperativa.

Conforme explicou o vice-presidente, é necessário para a adesão dos novos cooperados uma participação financeira, esse capital fica integralizado e é capitalizado, sendo devolvido quando da saída do cooperado da sociedade. Gawlak (2007) confirma que é uma maneira das cooperativas formarem capital para investimentos em benefícios para os próprios cooperados.

Pergunta 4: O quarto princípio é o da autonomia e independência. Quando da formação de acordos com outras organizações, ou instituições públicas, até mesmo recorrerem a capital externo, como assegurar o controle democrático dos seus membros?

Bom, daí a cooperativa elege um conselho. Nessa cooperativa funciona assim: de acordo com o estatuto, tem um conselho de administração, que esse conselho de administração é composto de 10 membros. Desses 10 membros, são 7 efetivos e 3 suplentes. Depois de eleitos esses 10 membros, a cada 4 anos é trocado. Eles, já sabem quem são suplentes e quem são os efetivos. Nos efetivos, é escolhido entre eles, faz uma reunião para escolher quem é o

diretor presidente quem é o diretor vice-presidente. No momento eu sou o vice-presidente. Já estamos no terceiro ano dessa última eleição que ocorre a cada 4 anos. Então, o diretor presidente e o diretor vice-presidente, eles têm frequência diária na cooperativa, os demais do conselho de administração não, uma vez por mês é reunido aqui para discutir o funcionamento o que tem acontecido e o que pode acontecer. Daí a pergunta fala sobre acordos com outras organizações e instituições públicas. O estatuto permite que o diretor presidente e o vice-presidente tomem decisões corriqueiras do dia a dia, e decisões, por exemplo, de alienar ou desalienar bens, bens móveis e imóveis, comprar ou vender, isso é definido pela assembleia geral ordinária. Então, todo ano, é de praxe, a gente fala assim: todo ano se precisar vender algum bem a assembleia concorda? A assembleia concorda, daí, se a assembleia concordar no próximo ano o bem pode ser vendido ou adquirido, mas isso sempre a assembleia é soberana. E quando tem coisa que está fora do que foi discutido na última assembleia, uma novidade qualquer, precisa reunir, faz a assembleia geral extraordinária para decidir qualquer assunto que seja, mas os assuntos corriqueiros: assinar contrato com banco, coisas parecidas, o diretor presidente e o diretor vice-presidente fazem isso corriqueiramente.

Nas palavras do vice-presidente é possível perceber que todos os associados têm condições de exercer a função de Presidente e Vice-presidente da cooperativa, assim como, participar nas tomadas de decisões mais importantes, que afetam o patrimônio e a independência da organização. Bialoskorski Neto (2012) entende que a participação dos cooperados fundamental para garantir o controle democrático dos associados, e também manter a autonomia da cooperativa.

Pergunta 5: O quinto princípio é o da Educação, formação e informação. Existe na cooperativa projetos que promovam a educação e a formação dos seus membros sobre a natureza e as vantagens da cooperação?

O estatuto até prevê isso, no estatuto nosso, o comitê educativo que seria para isso, é previsto no estatuto, se tem de fato funcionado? Algumas vezes nos últimos anos funcionou, atualmente não está funcionando, mas a cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista em parceria com a Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (OCESP) e em princípio com a cooperativa organização OCB, Organização das Cooperativas do Brasil tem buscado apoio e fortificando isso a educação, formação e informação. A gente faz parcerias com a OCESP e a OCB e pode acessar o site deles, tem diversos cursos e a gente tem franqueado, e principalmente neste ano de 2024, aos colaboradores e aos funcionários da cooperativa fazer cursos diversos, de todos os seguimentos. E, também em breve, a gente vai repassar para qualquer associado ou cooperado que queiram fazer também.

Como apontado por Gomes (2015) o cooperativismo não tem como objetivo apenas solucionar problemas socioeconômicos, como também, desenvolver o pensamento cooperativista. O vice-presidente é sabedor dessa necessidade, e afirma que apesar de existir no estatuto uma cláusula que prevê um comitê educativo, a cooperativa não tem observado esta exigência. Porém, conhecendo a importância da formação e capacitação dos seus associados, a cooperativa firma convênios com

a OCB para disponibilização dos cursos oferecidos pela SESCOOP através da OCESP/SP.

Pergunta 6: O sexto princípio é o da intercooperação. A cooperativa de Cachoeira Paulista estabelece cooperação com outras cooperativas, de outras localidades, promove desenvolvimento de projetos que fortalecem o movimento cooperativista ou as estruturas locais e dos parceiros?

A cooperativa de laticínios, sim, faz intercooperação [...]tem intercooperação com a COOPERVASS, [...] que é do sul de Minas, a gente compra deles ração [...] para dar para vaca, ração para boi, então existe uma intercooperação entre eles e nós. Existe uma outra intercooperação que é com a Serramar que é próxima, aqui em Guaratinguetá, a gente faz a nossa captação de leite junto com eles. Ora é o nosso caminhão, ora é o caminhão deles. [...] porque nem nós nem eles tem caminhão próprio, [...] o tanque esotérmico que carrega leite. [...] Se for passar em uma linha que tem cooperado daqui ou de lá, o caminhão capta esse leite. [...] a hora que o leite chega lá em Guaratinguetá que a Serramar presta este serviço para nós. O leite fica armazenado por um ou dois dias, num tanque lá. Então a Serramar receber o leite, colocar num silo de leite, que para entender é um negócio vertical cabe 20, 30, 50, 100 mil litros de leite. [...] Temos outra intercooperação, por exemplo, a gente tem conta corrente em bancos cooperativos: SICRED e SICOB, é outro tipo de intercooperação.

A cooperativa de Cachoeira Paulista, segue à risca a orientação do SEBRAE (2024), quanto à intercooperação, procurando sempre, não só com o propósito de fortalecer o movimento cooperativista, mas também, o de ajuda mútua e troca de conhecimentos.

Pergunta 7: O sétimo princípio é o do interesse pela comunidade. Segundo o Anuário do Cooperativismo 2023, as cooperativas impactam positivamente as comunidades em que estão inseridas. Quais são os projetos desenvolvidos em prol do município de Cachoeira Paulista?

[...] a gente tem umas parcerias. Por exemplo, a gente colabora com o Asilo São Vicente para ele adquirirem carne para alimentar os idosos que lá estão inseridos naquele asilo. A mesma coisa a gente faz com a APAE, a APAE de Cachoeira, a gente colabora mensalmente com algum volume determinado de carne para o bem daquelas crianças que tão lá na APAE. E, sistematicamente a gente participa das festinhas que existem no município. [...] Como falei agora pouco, que a cooperativa faz parceria com a OCESP e a OCB e a gente pode inclusive fortalecer essa intercooperação ou a questão social, a questão social de envolver mais a comunidade. Tem curso para isso, a gente também vai buscar fazer isso em breve.

Esse princípio de interesse pela comunidade é bem aplicado pelos associados, a organização formou fortes vínculos com a comunidade, formando parcerias com

diversas entidades de assistência social e movimentos da comunidade. Para Búrigo, Rover e Ferreira (2021, p. 59), porém, o sétimo princípio precisa ser dividido em duas abordagens: a da assistência social e a da responsabilidade social. O VP respondeu na oitava pergunta como a responsabilidade social é importante para a cooperativa de Cachoeira Paulista. Explicou projeto, já em andamento, de parceria para a realização de projetos estratégicos de sustentabilidade desenvolvidos nas propriedades dos cooperados com o objetivo, não só de responsabilidade social, de contribuir para a melhoria do meio ambiente, como também para agregar valor aos produtos entregues pelas propriedades leiteiras filiadas à cooperativa.

Pergunta 08: Quais as vantagens oferecidas e aplicadas nas propriedades leiteiras que justifiquem a adesão ao cooperativismo?

Primeira vantagem: Pagar em dia, nos últimos 80 anos nunca deixou de pagar, pelo menos a gente não houve história que a cooperativa deixou de pagar. Segunda vantagem: tem aonde o produtor colocar o leite [...] com crise ou sem crise, tem destino para o leite dele. Terceira vantagem: ele pode participar do lucro da cooperativa. [...] dele receber um valor no final do ano ou em março do próximo ano que é a Assembleia Geral Ordinária.

O vice-presidente deixa claro que a governança corporativa, atualmente, é o fator mais importante para os cooperados, Martins et al. (2004), nos diz que é necessário a governança para que a cooperativa alcance os melhores resultados no seu gerenciamento. Com uma administração eficiente é possível diminuir os gastos com a produção e assim conseguir, não só, oferecer um preço melhor para o leite recolhido pela cooperativa, como também, oferecer participação nos lucros aos cooperados. É um estímulo para toda a cadeia produtiva, o associado se sente estimulado a produzir mais, para poder receber um valor maior, com isso, aumenta os investimentos na produção; contrata mão de obra, gerando emprego. Para a cooperativa é importante, pois fideliza o cooperado na associação.

Pergunta 09: Como você vê o cooperativismo no Vale do Paraíba?

Em São Paulo, acredito eu o cooperativismo começou aqui, tem mais de cem anos, foi no início do século passado. Só que naquela época o produtor vinha todo os dias na cooperativa. Como as coisas mudaram. [...]o produtor não precisa mais vir aqui. E com as modernidades, liga: traz o farelo tal e o farelo vai, mais moderno ainda a internet, então a comunicação ficou distante, impessoal, e isso eu encaro como uma coisa negativa, o produtor não vem mais. Ele não sente [...] Cooperativismo é forte aqui no Vale, mas o deixar de vir à cooperativa, acabou que ficou muito distante. É um fato negativo. Outro fato negativo, que o produtor, os mais antigos não, eles ajudaram a construir

isso aqui, eles davam muito mais valor, porque a cooperativa é deles. As novas gerações não percebem que a cooperativa é deles [...].

Na opinião do vice-presidente, o cooperativismo é muito forte no Vale do Paraíba, tendo começado junto com a introdução da bovinocultura leiteira. Porém, ainda segundo o vice-presidente, o sentido de união de forças que caracteriza o movimento cooperativista esteja se perdendo. Com a globalização e as exigências do mercado, conforme Forgiarini et al. (2018) é possível observar uma divisão do cooperativismo em duas vertentes: a doutrinária, que propões uma reforma socioeconômica baseada nos princípios estabelecidos quando do seu surgimento e a econômica que visa apenas o crescimento econômico dos seus associados. Como referido na pergunta anterior, talvez somente a governança interesse à nova geração de cooperados.

Pergunta 10: Como você vê a contribuição do cooperativismo para a manutenção e desenvolvimento das propriedades leiteiras do município?

Nós temos alguns projetos aqui. Principalmente na questão ambiental a gente fez parceria, tem empresas, por exemplo a AMBEV, por exemplo o Mercado Livre. [...]. Eles tem que plantar árvore, onde? [...] O produtor é obrigado a plantar árvore na nascente, o mercado livre é obrigado a plantar árvore, nós estamos juntando as coisas e a cooperativa faz esse meio de campo, indica o produtor, explica para ele a importância. Isso tem acontecido, mas só plantar árvore resolve? Não, tem que dar uma assistência técnica para ele melhorar a produção de leite dele, a mesma ONG entra com um pouco de recurso que vem dessa turma e contrata, ajuda a contratar um veterinário, ajuda a contratar um agrônomo para orientar na produção de leite, na qualidade do leite, na produção de capim, de pasto, de cana, de milho para alimentar melhor as vacas. É recurso só deles, não, parte do recurso vem da cooperativa, parte do recurso vem via SENAR, via Sindicato Rural e parte do recurso vem da iniciativa privada. Então, a gente tem parceria com ONG, que pega recurso da AMBEV, do Mercado Livre para plantar árvore e o recurso também, eles contratam uma empresa de assistência técnica, e essa empresa orienta técnicos aqui da nossa região[...] o SENAR que tem um trabalho agora que chama Assistência Técnica e Gerencial (ATEG). Toda Nota Fiscal emitida na produção rural desconta 1,5% que vai parte para o INSS parte para o SENAR, para o SENAR vai 0,2 % de todas as notas emitidas [...] e contrata um profissional para isso e aqui a gente tem parceria com dois sindicatos rurais de Cachoeira e de Cruzeiro. Cada um contratou um veterinário, um agrônomo [...] e nós da cooperativa ajudamos na despesa disso e o produtor recebe isso gratuitamente[...], mas esse é o nosso trabalho, esclarecer que é bom, que é importante, que tem valor.

Pode-se perceber que a cooperativa de Cachoeira Paulista, através de seus gestores, preocupa-se com a administração das propriedades dos seus cooperados, buscando soluções gratuitas para resolver imposições de legislações, bem como, firmar convênios com programas que disponibilizem assistência técnica. Essas ações da cooperativa vão de encontro com as ideias de David (2009) que ressalta a

importância do cooperativismo para a obtenção de vantagens que tornem as propriedades leiteiras mais rentáveis, diminuindo os custos de produção.

Pergunta 11: Você gostaria de falar sobre algum assunto que não foi abordado sobre como o cooperativismo colabora para a manutenção das propriedades leiteiras?

Sim. Quero fazer. Por exemplo, a gente é voz corrente no mundo hoje em dia a questão da sustentabilidade. [...] Então, nas propriedades aqui de Cachoeira, não, nas cidades que a cooperativa atende, porque a cooperativa atende 9 municípios, além do município de Cachoeira Paulista. É, a gente fez parceria com uma ONG que chama TNC, uma ONG internacional, e essa ONG busca recursos com empresas e fazendo a parceria conosco, ela ajuda a bancar plantio de árvore, plantio de essências nativas, em app e nascentes. Então, as propriedades que mandam leite aqui para a gente, podem acessar esse projeto. Então, em muitas propriedades já está desde o ano passado e há dois anos já está acontecendo, a gente tem plantado essência nativa em torno de nascente e app, e também através dessa TNC que busca recursos com outras empresas e consegue cercar, fazer isolamento dessas nascentes e apps sem custo ao produtor. Porque a gente faz isso? Porque a gente acredita na sustentabilidade, a gente acredita que é uma questão importante e bem como a gente acredita no leite do futuro carbono zero. Se a propriedade depois for definida como uma propriedade que não agride o meio ambiente, muito pelo contrário, ela minimiza o efeito da questão da queima de carbono, ela vai ser uma propriedade, em breve, uma propriedade carbono zero. Se a propriedade é carbono zero, o boi que sair de lá, o ovo que sair de lá, o leite que sair de lá também vai ser leite carbono zero. Se a gente conseguir várias propriedades com leite carbono zero, a gente vai poder ter o leite [...] carbono zero. E outra parceria a gente pode fazer com alguma empresa envasar esse leite, ou manteiga ou derivado e pôr no comércio. Essa é a nossa visão de futuro.

Essa atitude de formação de parcerias a busca de recursos para o desenvolvimento de projetos visando a sustentabilidade das propriedades e a melhoria do meio ambiente, demonstra uma preocupação com o futuro dos cooperados e com a comunidade em que estão inseridos.

Pergunta 12: Você deseja deixar uma mensagem, algumas palavras para a comunidade acadêmica sobre o trabalho realizado pela cooperativa.

Gostaria sim. Eu sou fanático por cooperativismo, [...] Hoje em dia as pessoas confundem muito socialismo, capitalismo ou, [...] nazista ou comunista. Nada disso, cooperativismo é cooperar pessoas que tem o mesmo interesse e principalmente a questão social. Se você tem uma produção de leite e seu vizinho também tem, independe do tamanho dele ou o seu, vocês dois podem cooperar um com o outro e vocês dois crescerem juntos. Esse é o princípio do cooperativismo, juntar a sua produção com a dele e vender melhor, juntar seu esforço com o dele e produzir melhor. Esse é o princípio. [...] produtores tradicionais que há 80 anos se juntaram buscando uma cooperativa. Talvez, também, com o correr do tempo, as pessoas não entendam mais a validade do cooperativismo e enxerguem a cooperativa como uma coisa, uma firma, isso aqui não é uma firma é uma cooperativa. Se isso aqui der lucro ou prejuízo é do cooperado. Mas, antigamente o leite vinha todo dia de latão para cá. Bem antigamente ainda vinha no lombo de burro para cá e o produtor vinha todo dia trazer o seu leite. Depois, há uns 30 anos atrás ou até mais, 40

anos atrás passou a ter o leite resfriado na propriedade no tanque de imersão, [...] então, o caminhão passava lá e pegava o leite todo dia, o produtor já deixou de vir à cooperativa. E depois, com a granelização, o leite agora é a granel, o leite é em tanque isotérmico. O caminhão tanque passa na propriedade A, na B na C e vai capitando leite de todo mundo, o produtor vem menos à cooperativa. Às vezes ele vem só uma vez por mês para pegar o cheque dele, [...] ou para fazer o pedido dele dos farelos que ele precisa para o próximo mês. E hoje em dia, com a internet, ele pede pelo telefone e nem vem aqui e recebe por pix na conta bancária. Às vezes, o produtor fica um, dois meses, três meses, às vezes fica o ano inteiro sem vir aqui. Isso é ruim, essa modernidade é ruim para o cooperativismo, o produtor tem que vir, produtor tem que perceber, produtor tem que falar se está bom, se está ruim e vir fazer essa, essa convivência sadia com a direção que foi eleita por eles.

Nessa mensagem deixada pelo VP é possível sentir um saudosismo em suas palavras, é possível sentir a mudança pela qual o cooperativismo e o mundo estão passando. Quando o cooperativismo surgiu era um movimento de cooperação, de estar juntos, de mãos unidas literalmente, de proximidade, de um ajudar o outro. O vice-presidente parece concordar com o ponto de vista de Forgiarini et al. (2018), que a vertente econômica do cooperativismo somente se preocupa com a “maximização do atendimento dos interesses individuais”. Há também o fator, nesses tempos modernos, do desenvolvimento dos maquinários para o serviço agrário e das tecnologias da informação, cada dia mais, o homem precisa menos da presença física do seu semelhante.

4.2 – Análise do questionário enviado aos cooperados:

Com a finalidade de conhecer a opinião dos associados da cooperativa de Cachoeira Paulista sobre a administração cooperativista e como suas vantagens são percebidas por eles, foi disponibilizado a todos os filiados um questionário com 13 perguntas fechadas e 3 perguntas abertas. O questionário foi elaborado por meio da ferramenta *Google Forms* e enviado pela administração da cooperativa por meio do *WhatsApp* a todos os cooperados, ficando aberto para recebimento de respostas do dia 16/10/2024 ao dia 31/10/2024.

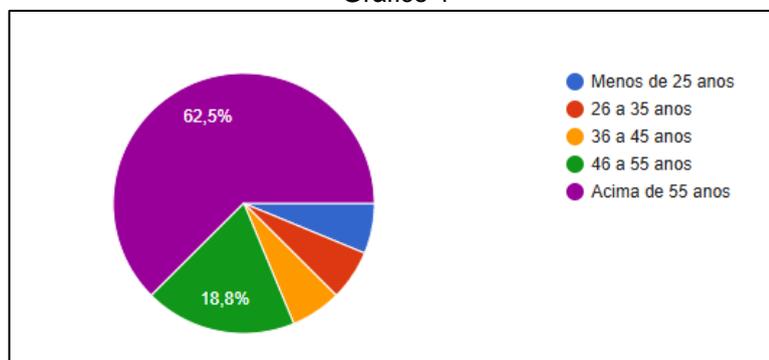
Como introdução, o questionário tem o seguinte cabeçalho:

“Este questionário é parte integrante de um Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Administração da Faculdade Canção Nova em parceria com a cooperativa de laticínios. A pesquisa pretende estudar o modelo de gestão do cooperativismo e o desenvolvimento das propriedades leiteiras. É anônimo, as respostas serão analisadas em um conjunto de dados com a finalidade somente de estudar o modelo de negócio.”

O questionário pode ser dividido em três partes: as perguntas 1,2 e 3 tratam do levantamento demográfico dos cooperados. Elaborado com a finalidade de traçar um perfil dos associados e identificar o público da cooperativa. Conhecendo o público é possível identificar padrões da população, essas informações são importantes para apoiar a tomada de decisão sobre as estratégias (mais arrojadas ou mais conservadoras), o estilo da comunicação (para que a cooperativa personalizando suas mensagens atinja eficácia ao transmitir suas resoluções,) e no desenvolvimento de novos produtos e novas tecnologias.

Pergunta 1: Qual a sua idade?

Gráfico 1

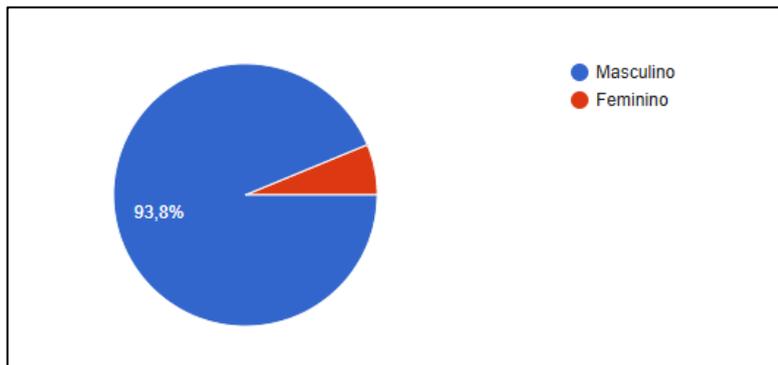


Fonte: A Autora (2024)

Conforme o Gráfico acima, é possível perceber que o maior percentual dos cooperados, 81,3%, está acima de 46 anos. Conforme o último censo agropecuário do IBGE realizado em 2017, o percentual era de 61%, o que demonstra o envelhecimento dos cooperados e a necessidade, talvez, da cooperativa promover eventos educativos, cursos com a finalidade de difundir a importância da preparação e da transição na administração das propriedades.

Pergunta 2: Qual seu sexo?

Gráfico 2

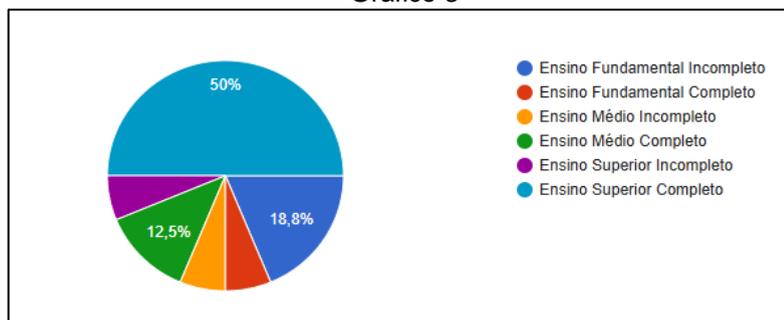


Fonte: A Autora (2024)

A porcentagem de produtores rurais, conforme observado no Gráfico 2, 93,8% continua em crescimento de acordo com os dados apurados no Censo Agropecuário 2017 que apurou o valor de 92,52%. Esse percentual verificado da cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista está, segundo o IBGE, de acordo com a média nacional.

Pergunta 3: Qual seu nível de escolaridade?

Gráfico 3



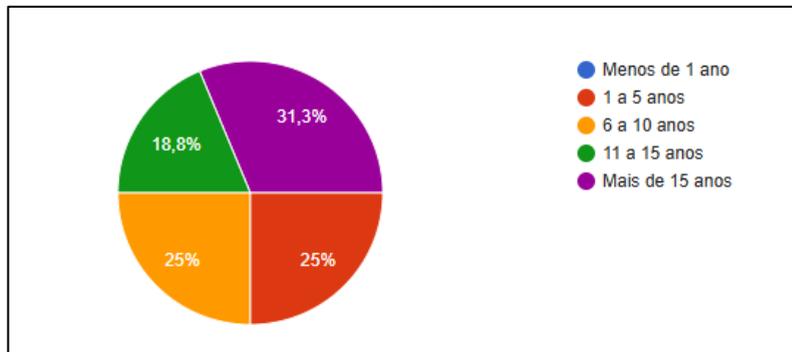
Fonte: A Autora (2024)

O Gráfico 3 acima, nos mostra que o nível de escolaridade dos cooperados de Cachoeira Paulista está bem acima da média apurada pelo Censo Agropecuário de 2017, que apurou o percentual de 33% para os universitários, por exemplo.

Com a segunda parte do questionário, composta das perguntas 4, 5, 6, 7 e 8, podemos examinar a contribuição, a participação do cooperado nos resultados da cooperativa.

Pergunta 4: Há quanto tempo você se tornou associado da cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista?

Gráfico 4



Fonte: A Autora (2024)

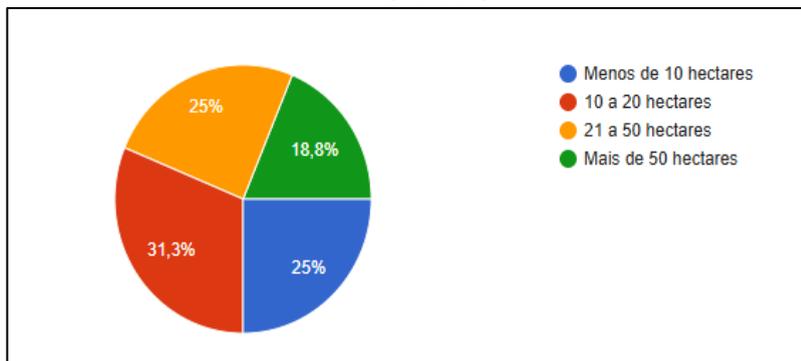
Neste Gráfico, podemos observar que a cooperativa está em crescimento, pois 50% dos cooperados tem menos de 10 anos de filiação. Do ponto de vista de Rossi (2011), é possível afirmar a relevância do cooperativismo mesmo nos dias de hoje, as cooperativas continuam cumprindo o seu papel de agregar pessoas e promover o desenvolvimento.

Pergunta 5: Em qual município está localizada a sua propriedade?

Dos cooperados que responderam essa questão, 69% têm sua propriedade no município de Cachoeira Paulista, 6,3% a propriedade pertence ao município de Lavrinhas, 18,8% das propriedades pertecem ao município de Silveiras e 6,3% ao município de Cruzeiro. Estas cidades citadas estão localizadas no chamado fundo do vale e não possuem cooperativas. Neste quesito, é importante destacar a aplicação do princípio da livre adesão. Conforme Gawlak (2007), a adesão é livre e voluntária, e são admitidos no quadro de associados da cooperativa indivíduos capazes de contribuir com seu trabalho para o bem comum e reconhecer a sua parcela de responsabilidade para a sua manutenção.

Pergunta 6: Qual é a extensão da sua propriedade?

Gráfico 6

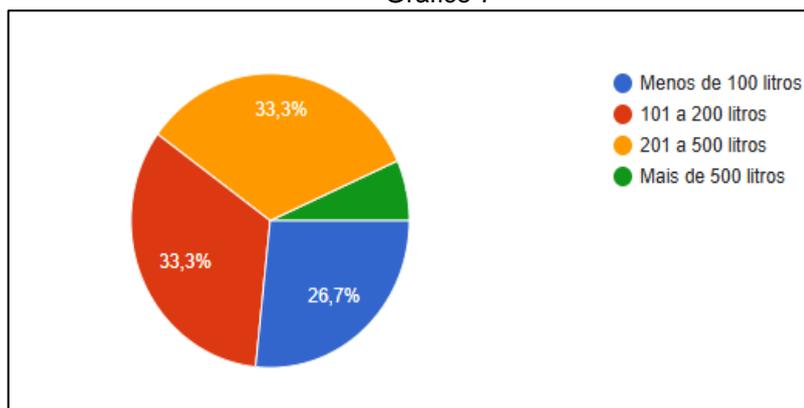


Fonte: A Autora (2024)

O tamanho das propriedades filiadas à cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista, conforme observado no Gráfico 6 acima, confirma a tendência apontada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária de que a produção de leite é verificada predominantemente em pequenas e médias propriedades. David (2009) ressalta ainda que, para o pequeno e médio produtor, o cooperativismo traz a vantagem da divisão dos gastos (entre os outros cooperados e com a cooperativa), o que diminui os custos de produção.

Pergunta 7: Qual é a sua média diária de leite enviada à cooperativa?

Gráfico 7



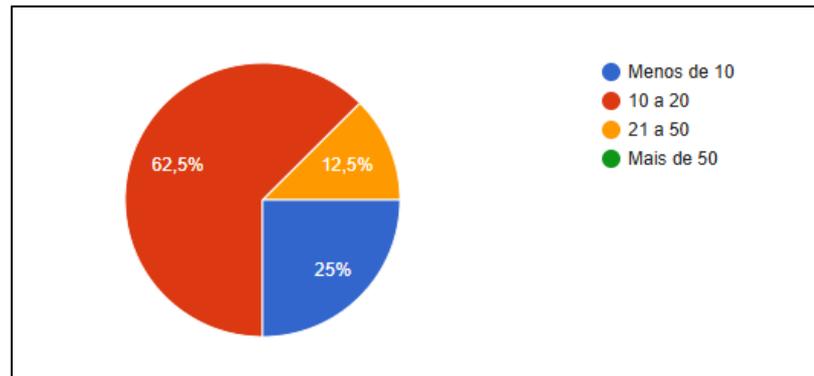
Fonte: A Autora (2024)

Conforme declaração do VP da cooperativa, a média diária de produção de leite por produtor é 130 litros. A cooperativa de laticínios, atualmente, é responsável pelo recolhimento de 17.549 litros de leite diariamente. Observando o Gráfico 7, podemos

observar que os cooperados de Cachoeira Paulista, conforme classificação do IBGE, em sua maioria 33,3% situa-se no estrato 5, produção de mais de 200 litros de leite por dia.

Pergunta 8: Quantas vacas você possui produzindo leite?

Gráfico 8



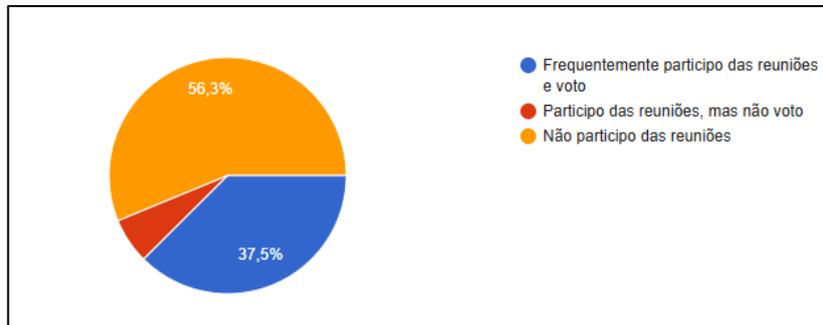
Fonte: A Autora (2024)

Com a análise do Gráfico 8 juntamente com os dados do Gráfico 7, é possível estabelecer qual a produtividade por animal, o que ajuda a cooperativa a implementar novas rotinas de manejo que aumentem a produtividade por animal, barateando o custo. Conforme Toledo (2018), é muito importante o gerenciamento dos custos de produção para que as propriedades leiteiras possam garantir a sua sustentabilidade.

Na terceira parte do questionário constam as perguntas 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e a 16, e foi elaborado com a finalidade de conhecer como é o relacionamento do cooperado com a cooperativa.

Pergunta 9: Você participa das tomadas de decisões da cooperativa?

Gráfico 9

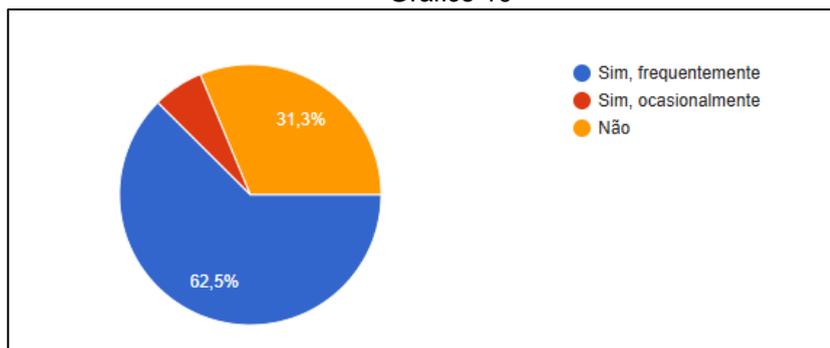


Fonte: A Autora (2024)

Do ponto de vista de Bialoskorski Neto (2012), para que o princípio da autonomia e independência seja eficaz no sucesso econômico da cooperativa, é necessário que os cooperados participem das tomadas de decisão nas assembleias. Somente com participação dos associados é possível garantir a transparência e a governança da organização, o que não tem acontecido na cooperativa de Cachoeira Paulista, conforme o Gráfico acima, apenas 37,5% dos associados votam.

Pergunta 10: A cooperativa oferece suporte técnico para a melhoria dos manejos, como cursos ou visitas de técnico em sua propriedade?

Gráfico 10



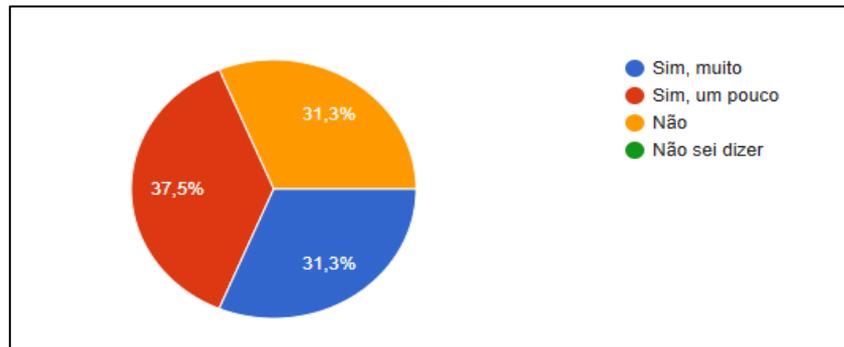
Fonte: A Autora (2024)

O Gráfico 10 aponta que 62,5% dos cooperados reconhecem que a cooperativa cumpre seu papel de oferecer condições para a melhoria dos manejos. Conforme nos aponta David (2019), trata-se de uma das vantagens do cooperativismo. A cooperativa de Cachoeira Paulista, conforme palavras do vice-presidente em entrevista transcrita

acima, se empenha em conseguir firmar convênios para oferecer assistência técnica de veterinários e agrônomos gratuitamente.

Pergunta 11: Na sua opinião, o apoio técnico oferecido pela cooperativa ajudou a aumentar a sua produção de leite?

Gráfico 11

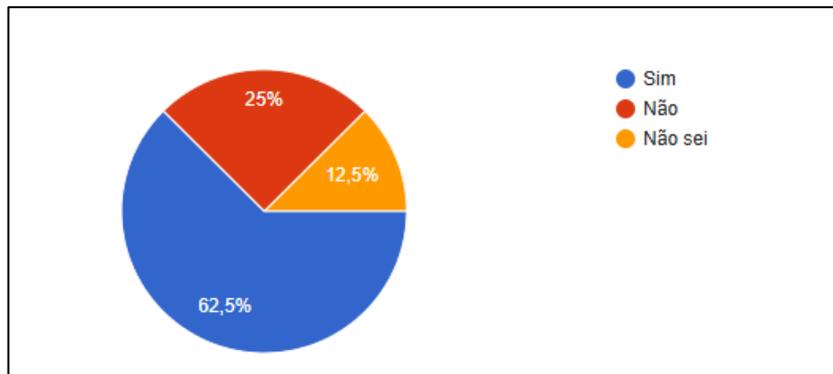


Fonte: A Autora (2024)

Apesar dos dados apresentados na análise do Gráfico 10, na qual 62,5% produtores reconhece que a cooperativa cumpre seu papel de oferecer assistência para a melhoria do manejo e os dados apresentados na análise do Gráfico 12, na qual o mesmo percentual de 62,5% dos produtores consegue verificar melhorias no desenvolvimento das suas propriedades, na análise desse Gráfico 11 é observado que apenas 31,3% dos associados consegue reconhecer que o apoio técnico aumentou a produção de leite. Porém, como apontado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, a produtividade leiteira brasileira é baixa se comparada a outros países.

Pergunta 12: Com a sua adesão ao cooperativismo, você percebeu melhora no desenvolvimento da sua propriedade?

Gráfico 12

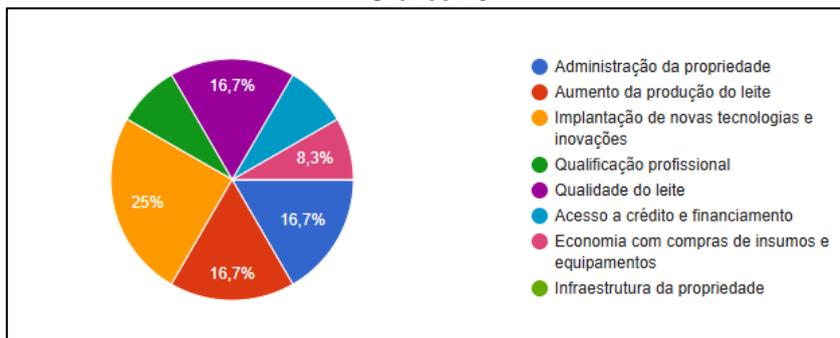


Fonte: A Autora (2024)

Com a análise do Gráfico 12, podemos verificar que 62,5% dos cooperados estão obtendo vantagens com seu relacionamento com a cooperativa e conseguem constatar os benefícios no desenvolvimento da sua propriedade. A satisfação da maioria dos associados da cooperativa de Cachoeira Paulista, se deve, conforme palavras do vice-presidente em entrevista transcrita acima, a busca de parcerias com assistência técnica de veterinários e agrônomos para a melhoria dos manejos oferecidos gratuitamente, e ao alcance de todos.

Pergunta 13: Caso tenha constatado desenvolvimento, quais foram os setores afetados?

Gráfico 13



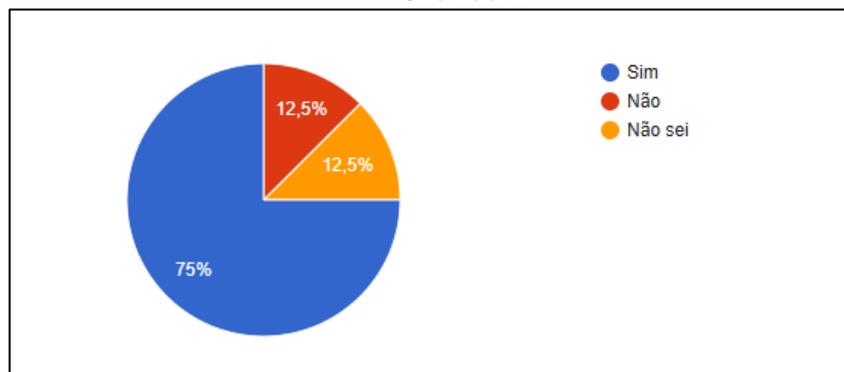
Fonte: A Autora (2024)

Observa-se no Gráfico 13 que todos os cooperados obtêm vantagem com sua adesão ao cooperativismo, é possível observar os princípios da capacitação, educação e formação e intercooperativismo sendo aplicados através da análise dos dados do

gráfico acima. Oferecer cursos de formação técnicos através dos convênios firmados com as entidades de classe do cooperativismo, como o SICOOB, vem apresentando resultados.

Pergunta 14: Você acredita que o cooperativismo contribui para a melhoria financeira da sua família?

Gráfico 14



Fonte: A Autora (2024)

Por meio dos dados do Gráfico 14, 75% dos produtores confirmaram que o cooperativismo melhorou a vida financeira da família. Basso e Rosa (2019) afirmam que o cooperativismo é o melhor caminho para alcançar o desenvolvimento socioeconômico e melhorar as condições de trabalho e renda. Rossi (2011) acrescenta ainda, a relevância do movimento cooperativista no Brasil para a diminuição das taxas de desemprego, para a manutenção e desenvolvimento das propriedades leiteiras e também com a fixação do homem no campo.

Pergunta 15: Na sua opinião, quais outros melhoramentos ou serviços a cooperativa deveria disponibilizar para os associados? Foram obtidas as seguintes respostas:

- Melhorar preço de insumos e do leite;
- Ter um botijão de sêmen, pois para um micro produtor o custo do botijão é muito alto;
- Levar os cooperados para conhecer lugares que já implantaram novas tecnologias, como pivores e máquinas agrícolas. Rebanhos e culturas alternativas, para melhor renda, otimizando as mesmas ferramentas;
- Alternativas de produção;
- Plano de saúde;

- Aluguel de equipamentos;
- Sêmen e defensivos agrícolas;
- Serviços técnicos de trator agrícola, engenheiro agrônomo, veterinário e inseminação;
- Assistência técnica e veterinária;
- Parte agrícola;
- Distribuição de sobras.

É possível perceber que conforme as respostas do VP, em sua entrevista, algumas das reivindicações feitas pelos cooperados já são oferecidas pela cooperativa. Esse desconhecimento pode decorrer da baixa participação nas reuniões, conforme aponta o Gráfico 9. Do ponto de vista de Oliveira (2007), é complicado conscientizar os cooperados da importância de participar da rotina da cooperativa, estimular a atuação, não como uma obrigação, mas sim como um direito. É fundamental que todos estejam envolvidos e participem das decisões, para estarem cientes das resoluções.

Pergunta 16: Quando perguntado ao cooperado: o que é mais importante no seu relacionamento com a cooperativa? Foram obtidas as seguintes respostas:

- Diálogo, estar próximo;
- Disponibilidade do barracão de insumos;
- A transparência, nós produtores ficamos sabendo de tudo que acontece lá dentro;
- Recursos próximos e sempre à disposição. Flexibilidade nos pagamentos em momentos críticos;
- Confiabilidade e retorno das demandas;
- Qualidade dos produtos, preço justo;
- Bom atendimento;
- Não sei;
- Comércio do produto e compra de insumos;
- Liberdade de se expressar;
- Sou dono.

Por meio das respostas obtidas, é possível observar que os cooperados percebem que os princípios que compõem o alicerce do cooperativismo são bem

aplicados pela cooperativa de laticínios. Como afirma Barbosa (2012), o princípio da gestão democrática é observado quando o cooperado responde que tem liberdade de se expressar, há diálogo e transparência. Já de acordo com o ponto de vista de David (2009), a cooperativa cumpre os ideais cooperativistas quando traz aos produtores rurais muitas vantagens, como as citadas acima, pelos cooperados: preço justo, disponibilidade do barracão de insumos, entre outras.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cooperativismo é um sistema de administração baseado na cooperação, na administração solidária e democrática, com propósitos humanistas buscando a valorização e o desenvolvimento do ser humano. O cooperativismo expandiu-se muito no território brasileiro em seus diferentes modelos, mas pela característica da bovinocultura brasileira se desenvolver principalmente em médias e pequenas propriedades, essa modalidade de administração obteve seu maior sucesso no desenvolvimento das cooperativas de laticínios. Com modelo de gestão baseado na ajuda mútua e no colaboracionismo, os pequenos e médios produtores se reúnem nessas cooperativas para conseguir melhores preços, tanto na venda dos seus produtos, quanto na compra de insumos, além de dividirem despesas.

Com 180 anos de existência, o cooperativismo vem perdurando diante desse cenário de rápidas mudanças como a globalização, a modernização e o desenvolvimento tecnológico. Então, pergunta-se: como a cooperativa de laticínios de Cachoeira Paulista utiliza os princípios do cooperativismo para fortalecer a produção leiteira?

A pergunta foi respondida por meio de uma entrevista realizada com o vice-presidente da cooperativa, que quando questionado, relatou todos os fatos e rotinas adotados pela cooperativa em prol dos cooperados. É possível constatar pelas respostas obtidas, que a administração da cooperativa, considera muito importante os ideais cooperativistas e segue os princípios estabelecidos, bem como cultiva os seus valores. Por meio da entrevista, podemos constatar que os princípios cooperativistas são seguidos e colocados em prática na administração da organização. Ao buscar a valorização das propriedades através de parcerias, a cooperativa consegue diminuir custos de assistência técnica e de implantação de novas tecnologias. O cooperativismo, como é colocado em prática em Cachoeira Paulista, consegue diminuir custos na aquisição de insumos, assim como, melhor preço na venda do leite.

Procurou-se também uma resposta para a pergunta pela visão dos cooperados. Para tanto, foi elaborado um questionário através da ferramenta *Google Forms* e enviado por meio do *WhatsApp*. A questão foi respondida na medida em que eles percebem não só desenvolvimento na sua propriedade a partir do momento em que aderem ao cooperativismo, como também, constataram uma melhora financeira para a sua família.

O objetivo de compreender a importância do cooperativismo no desenvolvimento e manutenção das propriedades leiteiras filiadas à cooperativa de laticínios no município de Cachoeira Paulista foi alcançado. As narrativas evidenciaram como os ideais cooperativistas cumprem seu papel de unir pessoas em torno de um objetivo comum com a finalidade de alcançar metas, assim como, demonstrar como o cooperativismo é capaz de produzir benefícios para a vida familiar dos envolvidos e da comunidade em que está inserido.

Portanto, presume-se a importância do administrador estudar esse sistema de gestão relevante para a economia do Brasil, que pretende não só aumentar os lucros das organizações a ele filiadas, como também promover desenvolvimento socioeconômico de seus membros e das comunidades onde estão inseridos.

De maneira que, para o futuro, sugere-se a continuação dos estudos para o acompanhamento da evolução do pensamento cooperativista. É possível seu aprimoramento? É possível sua divisão em duas correntes: a doutrinária e a econômica? São indagações pertinentes para se iniciar uma nova pesquisa.

REFERÊNCIAS

Aliança Cooperativa Internacional (ACI). Disponível em: <<https://somoscooperativismo.coop.br>>. Acessado em: 18/03/2024.

Anuário do cooperativismo 2023. Disponível em <<https://anuario.coop.br>>. Acessado em 21/03/24.

APOLLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a Produção do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BARBOSA, Letícia Cristina Bizarro. **Introdução ao cooperativismo**. Palhoça: UnisulVirtual, 2012.

BASSO, Dirceu; ROSA, Aline Ribeiro. Robert Owen: o “pai da cooperação”, a educação escolar (adulto e infantil) e o movimento socialista. **Revista Orbis Latina**, vol.9, nº 1, Foz do Iguaçu/ PR (Brasil), Janeiro – Junho de 2019. Disponível em <<https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis>>.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Economia e gestão de organizações cooperativas**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

BUBER, Martin. **O socialismo utópico**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 1971.

BÚRIGO, Fábio Luiz; ROVER, Oscar José; FERREIRA, Rodrigo Garcia. **Cooperação e Desenvolvimento Rural: Olhares Sul Americanos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2021.

Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <<https://censoagro2017.ibge.gov.br>>. Acessado em: 07.11.2024.

Cooperativa de Laticínios de São José dos Campos (Cooper). Disponível em: <<https://www.cooper.com.br>> Acessado em: 04/10/2024.

Cooperativa de Laticínios Serramar. Disponível em: <<https://www.serramar.coop.br/quem-somos>>. Acessado em 04/10/2024.

Cooperativa de Laticínios do Médio Vale do Paraíba (COMEVAP). Disponível em: <<https://comevap.com.br/comevap.php>> Acessado em: 04/10/2024.

Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI). Disponível em: <<https://www.cati.sp.gov.br>>. Acessado em 05/10/2024.

CUNHA, Pedro Guilherme Vieira. **Benefícios do cooperativismo aos produtores de leite: visão geral**. Monografia apresentada à FACER Faculdade de Ceres. 2015.

DAVID, Ari de. **Competitividade das cooperativas do sistema de cooperativas de leite da agricultura familiar – SISCLAF**. 2009. 73f. Monografia (Especialista) – Curso de Pós Graduação Lato Senso em Gestão do Cooperativismo Solidário. UNIOESTE

DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 2013.

Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária (EMBRAPA). Disponível em <<https://www.embrapa.br>>. Acessado em: 08/05/2024.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. tradução B. A. Schumann. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

FAJARDO, Sérgio; ROCHA, Márcio Mendes. **Aspectos do ideário cooperativista e o cooperativismo no Brasil**. Campo-Território: revista de geografia agrária, v. 16, n. 43, p.22, Dez 2021.

FARIAS, Cleuza Maria; GIL, Marcelo Freitas. **Cooperativismo**. Universidade Federal de Santa Maria. Rede e-Tec Brasil, 2013.

FORGIARINI, Deivid Ilecki. Aspectos teóricos do cooperativismo e suas implicações para a gestão de cooperativas. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**. P. 21-36. Santa Maria, RS. Edição Especial 01/2018.

GAWLAK, Albino; RATZKE, Fabiane. **Cooperativismo: primeiras lições**. 3.ed. Brasília: SESCOOP, 2007.

GAYOTTO, Adelaide Maria. **Formas primitivas de cooperação e precursores**. São Paulo: ICA, 1976.

GIROTTI, Jadir. O cooperativismo é a ponte entre capitalismo e socialismo. **Revista Easycoop** – Cooperativismo em revista, 19/11/2011. Disponível em: <<https://www.easycoop.com.br>>. Acessado em: 20/09/2024.

GOMES, Antonio José. Origem e evolução do Cooperativismo no mundo e no Brasil e sua contribuição para construir o segmento educacional brasileiro. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina n. 12 13 - 25 jan./jun. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br>>. Acessado em: 23/09/2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem do Feudalismo ao Século XXI**. 22 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Agropecuário 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cachoeira-paulista/pesquisa>> Acessado em: 05/11/2024.

Le Goff, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

Lei Nº 1283, de 18 de dezembro de 1950. Dispõe sobre a inspeção industrial e sanitária dos produtos de origem animal. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: 15/11/2024.

Lei Nº 5764, de 16 de dezembro de 1971 – Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá providências. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: 15/11/2024.

Lei Nº 10406, de 10 de janeiro de 2002. Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: 15/11/2024.

Lei Nº 12.669, de 19 de junho de 2012. Dispõe sobre a obrigatoriedade de empresas de beneficiamento e comércio de laticínios informarem ao produtor de leite o valor pago pelo produto até o dia 25 (vinte e cinco) de cada mês. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: 15/11/2024.

Lei Nº 13860, de 18 de julho de 2019. Dispõe sobre a elaboração e a comercialização de queijos artesanais e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>>. Acessado em: 15/11/2024.

MARRA, Adriana Ventola. **Associativismo e Cooperativismo**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

MARTINS, Paulo do Carmo; ÁLVARES, Jacques Gontijo; BARROS, Geraldo Sant'Ana de Camargo; NETTO, Vicente Nogueira; BARROSO, Marcelo. **O futuro do cooperativismo de leite**. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2004.

Ministério da Agricultura e Pecuária. Disponível em <<https://www.gov.br>>. Acessado em 15/03/2024.

OLIVEIRA, José Rudnei de. **O comprometimento do cooperado com a cooperativa**. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Maria- Centro de Tecnologia. Santa Maria - RS, p. 101, 2007.

Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Disponível em <<https://somoscooperativismo.coop.br>>. Acessado em 18/03/2024.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é capitalismo?** Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br>>. Acessado em 09/10/2024.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fábio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da pesquisa científica** [recurso eletrônico] – 1. Ed. – Santa Maria: UFSM, NTE, 2018.

PINHO, Diva Benevides. **Cooperativismo: fundamentos doutrinários e teóricos**. São Paulo: Editora ICA, 2001.

_____. **O Cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária**. São Paulo: Editora Saraiva, 2004.

ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio. **Cooperativismo à luz dos Princípios Constitucionais**. Curitiba: Editora Juruá, 2011.

SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://agricultura.sp.gov.br>>. Acessado em: 18/03/2024.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). O que são cooperativas. Disponível em <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-sao-cooperativas>>. Acessado em: 20/03/2024.

Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no Estado de São Paulo (SESCOOP-SP). Disponível em <<https://www.sescoopsp.org.br>>. Acessado em 18/03/2024.

SIMÕES, Caio Nunes Christoffe; LOPES, Gabriel Antônio Rodrigues; MARQUES, Ana Paula Lopes; GITTI, Clayton Bernardinelli. Pecuária leiteira: perspectivas e desafios. Disponível em: <www.milkpoint.com.br>. Acessado em 05/10/2024.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TOLEDO, Fernanda. Os maiores desafios da produção de leite e como resolve-los. Disponível em: <<https://log.apecuaria.de.precisão.com.br/maiores-desafios-da-pecuaria-de-leite>>. Acessado em: 24/09/2024.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Outros caminhos**: Vale do Paraíba: do regional ao internacional, do global ao local. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Tradução: Daniel Grassi. Porto Alegre: Editora Bookman, 2001.